



O FILME CORRA! E A REPRESENTAÇÃO DA OBJETIFICAÇÃO E VENDA DE ESCRAVOS NO BRASIL

Raquel Cristina Monchelato¹

Resumo

O presente artigo examina a representação do processo de venda de escravos no Brasil e a objetificação dessas pessoas durante o período escravocrata, tendo como foco sua chegada e “adaptação” em nosso país após o seu sequestro na região africana. O tema tem como finalidade uma reflexão acerca do período escravocrata brasileiro e o fortalecimento de nossa história, uma vez que o movimento *negacionista* e *reviscionista* vem se tornado cada vez mais presente e as questões raciais menosprezadas. Para a realização da pesquisa foi utilizada a fonte fílmica, com a discussão da película de terror e suspense - Corra!, do diretor norte-americano Jordan Peele, lançada em 2017. A história narrada é a de Chris, um jovem fotógrafo que se vê em perigo após o convívio e o conhecimento de segredos da família Armitage. Também é proposta uma discussão a respeito de como filmes podem ser usadas como fontes históricas e auxiliarem para o desenvolvimento de pesquisas, reflexões e questionamentos acerca dos assuntos escolhidos pelo historiador.

Palavras-chave: Escravidão brasileira; História brasileira; Análise fílmica.

Abstract

This article examines the representation of the slave sale process in Brazil and the objectification of these people during the slave period, focusing on their arrival and "adaptation" in our country after their kidnapping in the African region. The theme aims to reflect on the Brazilian slavery period and the strengthening of our history, since the *denialist* and *revisionist* movement has become increasingly present and racial issues are belittled. To carry out the research, the filmic source was used, with the discussion of the horror and suspense film - Get Out!, by the American director Jordan Peele, released in 2017. The story narrated is that of Chris, a young photographer who finds himself in danger after living together and learning secrets of the Armitage family. It is also proposed a discussion about how films can be used as historical sources and help for the development of research, reflections and questions about the subjects chosen by the historian.

¹ Graduanda do 4º ano do curso de História/Unisagrado. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Roger Gomes e Lourdes Feitosa.



Keywords: Brazilian slavery; Brazilian History; Film analysis.

INTRODUÇÃO

Toda ciência, tomada isoladamente, não significa senão um fragmento do universal movimento rumo ao conhecimento. (Marc Bloch)

Ao pesquisarmos a palavra *escravidão* no site Dicio: Dicionário online de Português, nos deparamos com o significado: aquele que serve alguém ou como colocado em algumas diferentes edições e sites, o ato de servir. Essa servidão, embora sempre tenha existido na história da humanidade, até mesmo na Grécia antiga, por exemplo; também teve seus anos – duradouros como comprovado historicamente – no Brasil, mas além do ato de simples servir, aqui significou também uma vida privada de identidade cultural e pessoal.

Assim exposto, a escravidão no Brasil é um assunto recorrente em discussões e debates em quase todos os lugares, uma vez que sua existência afetou profundamente o desenvolvimento da cultura do povo negro no Brasil e traz consequências até os dias atuais. É possível confirmar que nosso país viveu mais anos de escravidão do que a considerada “liberdade”.

A importância de se estudar e pesquisar sobre esse tema surge com o crescimento da ideia *negacionista* sobre a própria história brasileira e suas raízes escravocratas e seu *revisionismo* – que atua no mesmo campo *negacionista*, mas não nega os fatos, porém os modifica conforme interesses daqueles que “contam” a história. Como colocado por Valim, Avelar e Bevernage (2021, p. 22):

No conjunto dos negacionismos contemporâneos, as peculiaridades brasileiras constituem um campo amplo e aberto às investigações que possam explorar as variadas estratégias de negação de alguns dos passados sensíveis, como a ditadura militar, a escravidão e os genocídios das comunidades indígenas e negras.



Essa ideia *negacionista*, exclui grande parte da base do país como conhecemos hoje, uma vez que os pilares de nossa sociedade desfrutaram dos frutos dos bons resultados nos 300 anos de escravidão que enriqueceram e trouxeram mais condições de vida aqueles que consideravam os diferentes inferiores

O sucesso dos empreendimentos do comércio de homens tornou-se o item de maior peso nas importações coloniais, ampliou a presença de africanos no Brasil colônia, gerou uma significativa acumulação de capitais para os traficantes de escravos e teve um enorme custo humano para as populações escravizadas (Valentini e Level, 2017, p. 160).

Desta forma, é possível expor que os escravos – homens antes livres, tirados de seu território e trago ao Brasil contra sua vontade – não tiveram uma vida fácil ou de se desejar quando chegavam aos portos e eram vendidos ou leiloados como se nada valessem ou como se fosse possível colocar um preço em uma vida. Segundo Pinsky:

Nada mais equívoco do que dizer que o negro veio ao Brasil. Ele foi trazido. Essa distinção não é acadêmica, mas dolorosamente real e só a partir dela é que se pode tentar estabelecer o caráter que o escravismo tomou aqui: vir pode ocorrer a partir de uma decisão própria, como fruto de opções postas à disposição do imigrante. Ser trazido é algo passivo – como o próprio tempo do verbo – e implica fazer algo contra e a despeito de sua vontade. (Pinsky, 2012).

Como explicita acima, ser trazido não foi algo pedido por nenhum homem africano e negro, mas imposto. Por conseguinte, o estudo deste período de nossa história não pode ser esquecido e deve ser estudado das mais diversas formas por historiadores e pesquisadores que buscam compreender e fazer conexões entre assuntos e pontos.

As fontes usadas para interpretação podem variar, sendo uma delas o uso do filme – sendo este artigo uma busca entre a conexão do filme de terror e suspense – gêneros cinematográficos que, respectivamente, tem como objetivo levar o espectador a sentir medo e angústia, além de uma tensão enquanto tenta conectar os pontos da história - *Corra!* lançado em 2017 pelo diretor norte-americano Jordan Peele.



Jordan Peele (43 anos) é um diretor e ator norte-americano; foi o primeiro homem negro a receber um Oscar de Melhor Roteiro Original por *Corra!* – filme que o tornou mundialmente conhecido. O diretor continua trabalhando em filmes de terror e suspense, tendo sempre como foco em suas obras críticas sociais e reflexões acerca do movimento negro nos Estados Unidos.

O filme que conta a história do fotógrafo Chris (interpretado por Daniel Kaluuya), que vê sua vida entrar em risco quando conhece a família de sua namorada e seus segredos obscuros; foi um sucesso de bilheteria e arrecadou cerca de 255,457 milhões de dólares em sua trajetória no cinema. No Brasil, foi lançado em 18 de maio de 2017 e foi distribuído pela Universal Pictures.

Isto posto, é possível analisar o ato de venda de escravos no Brasil no período escravocrata e utilizar o filme *Corra!* como uma fonte de representação deste momento, trazendo não apenas pontos de análise, mas também de reflexão sobre o tratamento de pessoas negras em nossa realidade até os dias de hoje.

Ao utilizar o filme como fonte histórica, consideramos que o mesmo não é apenas uma obra criada para entretenimento, mas sim como algo que pode passar informações ou representar questões discutidas em nosso cotidiano e período de pesquisa.

Como colocado:

O Cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um meio de representação. Através de um filme representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, ou seja um mundo imaginário livremente criado pelos autores de um filme. (Barros, 2007).

Logo, é possível concluir que o tema e fontes escolhidos para esta se pesquisa se complementam e trazem uma nova reflexão e meios de se enxergar a história brasileira para além do que já foi escrito. Desta forma, a pesquisa e representação histórica através do filme e sua análise de forma crítica são os pontos iniciais para o desenvolvimento efetivo do tema escolhida e sua realização.



DA OBJETIFICAÇÃO E VENDA DE ESCRAVOS

Ao se falar sobre o período escravocrata brasileiro – tendo como foco a chegada dos escravos no Brasil - é necessário levar em consideração que se fala de um período em que a mão de obra indígena já não era mais considerada útil e que o processo de tráfico humano se intensificaria.

Sendo um período composto por uma objetificação e comercio intenso realizado pelos homens portugueses de corpos negros – exclusivamente africanos – efetuado para execução da mão-de-obra e exploração; o tornando um produto que muitas vezes servia para a realização de serviços considerados “pesados” e braçais por aqueles que se consideravam superiores.

Esses serviços braçais possuíam ligação com as lavouras da época e os engenhos, que necessitavam de força de trabalho bruta e muito tempo para sua realização, logo como foi colocado por Pinsky (2012), “o negro foi, portanto, trazido para exercer o papel de força de trabalho compulsório numa estrutura que estava se organizando em função da grande lavoura”.

Portanto, tudo dependia da quantidade necessária para os trabalhos, como é citado por Gomes (2019):

Os donos dos maiores engenhos exploravam o trabalho de 100 a 150 escravos. Os estabelecimentos menores, chamados de engenhocas, precisavam de, no mínimo, quarenta. Já os lavradores, que apenas cultivavam a cana e a forneciam para os engenhos, empregavam, em média, trinta cativos.

Além da viagem extremamente mortal e insalubre – realizadas em navios que carregavam o máximo possível de pessoas, por mais de 30 dias de viagem - que sofriam da região africana até o Brasil, os indivíduos escravizados eram expostos – em praças públicas e portos – para que fossem comercializados.

Era como uma grande exposição de produtos que recebiam avaliações – conforme idade, porte físico e sexo - e eram comprados por aqueles que os consideravam uteis para suas necessidades. “A venda de escravos ocorria no próprio porto de desembarque, por meio de negociações diretas ou pela realização de leilões.” (Pinsky, 2012).



Como já exposto acima, esses homens eram capturados e vendidos por portugueses – mas não exclusivamente por eles - e obrigados a esquecerem sua cultura e serem transformados em figuras que referenciavam ao europeu, ao mundo do catolicismo e a servidão dos seus considerados “salvadores”.

Como colocado por Pereira (2015, p. 13):

Os africanos eram considerados infiéis, animais, desalmados e, portanto, suscetíveis de serem tratados de maneira desumana, já que frente aos propósitos europeus, todo aquele que não representa o modelo de homem ideal, era visto como infiel, primitivo, selvagem, impuro. O modelo de homem ideal permeava-se pela cor da pele branca, origem europeia e de religiosidade cristã. Todos aqueles que estavam ausentes desse molde, desse padrão de humanidade, civilidade e religiosidade, eram desconsiderados dentro da sociedade europeia de época.

Usurpando o caráter desses seres humanos e sua cultura, é possível torná-lo em um objeto, um ser sem vontades, sem história e sem virtudes, o tornando um produto que seria usado conforme as necessidades e escolhas de seus senhores. Desta forma, o homem africano escravizado no Brasil passaria então por um processo de coisificação – ou como colocado no presente artigo, um processo de objetificação.

Ressalta-se que esse processo de objetificação acontecia de forma para além do controle dos indivíduos africanos, uma vez que ao serem retirados de seu território de origem, não tinham mais controle sobre as coisas. Porém, havia rebeliões e tentativas de fuga por parte dos homens africanos, o que fazia com que o escravo passasse por castigos, muitas vezes cruéis, que traziam a realidade que ele pertencia a alguém e “devia” algo a alguém.

Como colocado por Streva (2016, p. 25)

Reconhece-se que a escravidão e a figura construída da pessoa negra não são conceitos que nasceram juntos, nem ideias intrinsecamente conectadas por uma determinação natural ou antropológica. São expressões de duas histórias longuíssimas que, em determinados momentos e contextos das transformações sociais e econômicas do mundo ocidental, se conjugaram e se amalgamaram.

Desse modo, pode-se afirmar que a figura do homem negro no período escravocrata foi moldado conforme os olhares portugueses e dos senhores de escravos.



A REPRESENTAÇÃO NO FILME CORRA!

As fontes de análise e estudo dos historiadores se tornaram extremamente variadas com o passar dos anos, especificamente após a criação da Escola dos Annales em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch.

Através dessa escola historiográfica – mais precisamente sua terceira geração com Marc Ferro - o campo das consideradas fontes se expandiu de maneira considerável e fez com que no presente artigo, um filme pudesse ser usado para pesquisa.

Para o uso de uma fonte fílmica, é necessária uma análise séria e cautelosa pelo historiador, uma vez que como colocado por Davson (2017, p. 268), “os filmes são dotados de sentido, desde a sua narrativa até o motivo que levou o diretor a realizar tal película”. Desta maneira, é indispensável o cuidado ao tratar da fonte por parte do historiador.

Cabe também ao historiador ao utilizar a fonte fílmica compreender que a mesma possui vários aspectos e possivelmente trata de questões que já foram vividas pela sociedade ou que se está vivendo, como o colocado por Barros (2007):

Se o Cinema é agente da História no sentido de que interfere directa ou indirectamente na História, ele também é interferido todo o tempo pela História, que o determina nos seus múltiplos aspectos. Vale dizer, o cinema é produto da História – e, como todo o produto, um excelente meio para a observação do lugar que o produz, isto é, a sociedade que o contextualiza, que define a sua própria linguagem possível, que estabelece os seus fazeres, que institui as suas temáticas. Por isto, qualquer obra cinematográfica – seja um documentário ou uma pura ficção – é sempre portadora de retratos, de marcas e de indícios significativos da sociedade que a produziu. É neste sentido que as obras cinematográficas devem ser tratadas pelo historiador como fontes históricas significativas para o estudo das sociedades que produzem filmes, o que inclui todos os géneros fílmicos possíveis. A mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção traz por detrás de si ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura.

Isto posto, é possível analisar a representação escravocrata no filme Corra! de 2017, disponível em alguns canais de *streaming*, sendo o utilizado para esse trabalho a *Amazon Prime Video*. Sendo classificado como um filme de terror e suspense, a película começa sem muitos



mistérios e foca na vida de Chris – o protagonista e um homem negro – recebendo a notícia de sua namorada sobre a viagem que farão para conhecer sua família – os Armitage.

A partir deste momento, o filme vai tomando se tornando cada vez mais “estranho” e seguindo a vida da família com a presença do protagonista. Já durante essas cenas é possível perceber a forma como o protagonista é tratado, sempre colocado em foco pela cor de sua pele e por ser “diferente”.

No decorrer do filme, o espectador é levado ao evento que está sendo realizado pela família, que em um primeiro momento se parece apenas com uma festa de encontro entre amigos e familiares. Durante esse período, o protagonista é visto em várias cenas sendo avaliados pelos convidados, como se estivesse a venda ou sendo exposto pela família Armitage.

Figura 1 - Cena do protagonista Chris sendo avaliado por um senhor sobre sua postura



Fonte: Recorte do filme Corra! à 43min11s.



**29 A 01
NOV DEZ**

EVENTO PRESENCIAL

Minicursos, conferências, palestras,
mesas-redondas, encontros e
apresentações orais



Figura 2 - Mulher apalpa Chris para ver se o mesmo possui músculos



Fonte: Recorte do filme Corra! à 43min23s

Figura 3 - Homem fala sobre como corpos negros estão na moda



Fonte: Recorte do filme Corra! à 43min48s

Como é possível analisar nas cenas destacadas acima, os convidados demonstram muito interesse em Chris e o elogiam, seja por seu porte físico, cor de pele ou até mesmo sua força.

Ele é exposto ao convidados por sua namorada e avaliado de forma indireta ou subjetiva, causando estranheza no protagonista e em alguns momentos o deixando desconfortável.

Ainda que seja *elogiado* pelas pessoas presentes no evento, Chris é visto como algo caricato, ou seja, algo que deve ser observado de perto pois não apresenta os mesmo traços daqueles que ali estão. Sua presença remete a algo fora do comum para aquelas pessoas, que o veem não como um jovem fotografo sendo apresentado a família da namorada, mas sim como um objeto para uso pessoal e social.

Neste momento, é possível analisar a representação da *coisificação/objetificação* do corpo negro ao ser visto como nada além de um produto no processo de escravidão brasileiro, como colocado por Pereira (2015, p.14): “assim o negro é desumanizado, perde a essência humana e passa a ser tratado como objeto, descaracterizando todos os seus sentimentos, suas emoções, suas qualidades humanas.”

Em sequência, após essas cenas Chris é tirado de cena e levado para outro lugar, deixando o senhor Armitage sozinho em seu jardim, onde o mesmo propõe um “bingo” para seus convidados.

Figura 4 - Cena em que os convidados aparecem com cartões do bingo os direcionando ao senhor Armitage



Fonte: Recorte do filme Corra! à 58min50s.



A cena parece mostrar apenas uma brincadeira entre amigos, mas ganha um novo tom – gerando ai o suspense – quando uma foto de Chris sendo exposto para os convidados é mostrada conforme a câmera “anda” pela cena.

Figura 5 - Cena em que a câmera se posiciona e revela que Chris é o objeto que está sendo vendido evento, enquanto o senhor Armitage lança os números.



Fonte: Recorte do filme Corra! à 59min42s.

É neste momento que a película até aqui examinada ganha um novo tom e mostra as verdadeiras intenções da família Armitage e dos convidados com o protagonista que nos foi apresentado. Após este momento, um dos convidados completa a tabela e assim, compra Chris para uso próprio.

Figura 6 - Cena em que o convidado completa sua cartela e compra Chris.



Fonte: Recorte do filme Corra! à 59min45s.

No filme é explicado que o comprador é cego e deseja um transplante para voltar a enxergar, sendo Chris o “doador” para que isso ocorra. Desta maneira, o protagonista já não é mais uma figura capaz de tomar suas próprias decisões e se torna – mesmo que não saiba – um produto que foi vendido e agora possui um senhor.

A cena mostrada acima, pode ser colocada como uma representação da venda de homens escravizados no Brasil, ocorrendo como já foi explicitado neste artigo em uma local público, com várias pessoas que estavam ali para analisar seu produto e observar se o mesmo lhes era útil ou de interesse. “É importante registrar aqui que o negro era tratado como mercadoria, não havendo preocupação alguma em se respeitar sua natureza humana.” (Pinsky, 2012).

Tanto as cenas de Chris sendo objetificado como a da venda, mostram o processo percorrido pelos indivíduos africanos ao chegaram no Brasil e terem contato com seus compradores.

A partir desta cena, o filme chega em seu ápice e mostra o protagonista desconfiando e lutando para sobreviver conforme as atitudes da família – incluindo de sua namorada, que o levou até lá – começam a ficar mais estranhas e persuasivas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos mencionados e pesquisados no decorrer da realização deste artigo, é crível considerar que estudar o período escravocrata brasileiro é de extrema importância para a compreensão de nossa história e cultura - uma vez que vivemos um período que busca negar essa História - sendo a análise do filme *Corra!* um dos possíveis caminhos para a representação desses momentos. Como colocado por Bloch (2002, p. 79): “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele.”

É necessário considerar também a importância da análise fílmica por parte do historiador como fonte para a realização de sua pesquisa, uma vez que a mesma é capaz de trazer inúmeras questões e reflexões de forma artística sobre o tema escolhido e levantar novos questionamentos sobre os temas escolhidos.

A representação no filme, conforme o analisado durante a pesquisa, não acontece de forma explícita, cabendo então ao historiador um enfoque na mensagem das cenas e aspectos que façam conexões com aquilo que se quer dizer.

Desta forma, é possível concluir que o tema até aqui tratado é importante para se analisar um momento da História brasileira de forma crítica e reflexiva, se utilizando de uma fonte cinematográfica para sua realização.

FONTE

CORRA!. Direção de Jordan Peele. Produção de Blumhouse Productions, Monkeypaw Productions e QC Entertainment. Estados Unidos: Universal Pictures, 2017. Amazon Prime Video. (103 min).

REFERÊNCIAS



A História do Terror no Cinema: tudo sobre filmes de terror. Cineclick. Disponível em: <https://cineclick.uol.com.br/noticias/historia-terror-cinema-tudo-sobre-filmes-de-terror>. Acesso em: 21 de set. de 2022.

BARROS, José d'Assunção. **Cinema e história** – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. Ler História [On-line], 52. 2007, 127-159. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2547#quotation>. Acesso em 02 de abr. 2022.

BARROS, José d'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Editora Vozes, 10 ed. Petrópolis, RJ, 2015.

Biography: **Jordan Peele.** IMDb. Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm1443502/bio?ref=nm_ov_bio_sm. Acesso em: 21 de set. de 2022.

DAVSON, Felipe P. da S. **O cinema como fonte histórica e como representação social: alguns apontamentos**. História UNICAMP. v. 4, n. 8, p. 263–273, 2018.

Dicio: **Dicionário Online de Português.** Escravidão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/escravidao/>. Acesso em: 04 de abr. 2022.

FLORENTINO, Luiz Felipe. **O escravo no Brasil enquanto figura inerte: uma análise sobre a postura dos cativos e os mecanismos de dominação**. Revista Temporalidades. UFMG, v. 8, n. 1. Belo Horizonte, 2016.

Get Out!. IMDb. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt5052448/>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Get Out!. Rotten Tomatoes. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/get_out. Acesso em 02 de nov. de 2022.

GOMES, Laurentino. **Escravidão** – volume 1: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Globo livros, 1º ed. 2019.

NAVARRETE, Eduardo. **O cinema como fonte histórica: diferentes perspectivas teórico-metodológicas**. Revista Urutágua, UEM. Maringá, 2008.

NINA, Carlos H. Vieira. **Escravidão ontem e hoje: Aspectos Jurídicos e Econômicos de uma atividade indelével sem fronteira**. Universidade Católica de Brasília. Brasília, dez. 2009.

O negacionismo histórico como arma política. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-negacionismo-historico-como-arma-politica/>. Acesso em: 13 de nov. 2022.



PEREIRA, Neuton D. **A trajetória histórica dos negros brasileiros: da escravidão a aplicação da lei 10639 no espaço escolar.** Universidade Federal do Paraná. 1º ed. Curitiba, 2015.

PINSKY, James. **Escravidão no Brasil.** Editora Contexto, 2012.

SANTOS, Vilson Pereira dos. **Técnicas da tortura: punições e castigos de escravos no Brasil escravista.** Enciclopédia biosfera. v. 9, n. 16, 2013.

SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes.** Bauru: Edusc, 2001.

SOUZA, Marina de Mello. **África e Brasil africano.** 1º ed.. São Paulo: Editora Ática, 2006.

STREVA, Juliana M. **Objetificação Colonial dos Corpos Negros: Uma leitura descolonial e foucaultiana do Extermínio Negro no Brasil.** PUC. Rio de Janeiro, 2016.

VALENTINI, Juliana; LEVEL, Inaê N. **Balanço sobre a escravidão no Brasil: alguns apontamentos históricos.** Revista Ensino Ciências e Humanidade. UFAM, ano 1, vol. 1. Jul-dez, 2017.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 41, nº 87, 2021.

VALIM, Patrícia; CHAUVIN, Jean Pierre. Combates pela História do Brasil: uma resposta ao revisionismo histórico. **Jornal da USP,** 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/combates-pela-historia-do-brasil-uma-resposta-ao-revisionismo-historico/>. Acesso em: 12 de nov. 2022.